

**DA UTOPIA À PRISÃO SEM MUROS:
CONFLUÊNCIAS DISCURSIVAS
ENTRE CHICO BENTO DE RACHEL DE QUEIROZ
E O SERINGUEIRO DE EUCLIDES DA CUNHA**

Luis Fernando Ribeiro Almeida (FAMA)
fernandoalmeida15@yahoo.com.br

Tomando a fala do personagem Chico Bento, vaqueiro do romance *O Quinze* de Rachel de Queiroz, que, flagelado pela grande seca de 1915, é forçado a deixar sua terra com sua família em busca de um lugar melhor longe daquele ambiente hostil; em dado momento da narrativa nutre o desejo de "ir para o Amazonas", pautado no discurso daqueles que apontam essa região como de "riqueza fácil". Dessa maneira, Chico Bento vê de uma perspectiva utópica esse lugar como uma forma de recomeço, distante da miséria e da fome. De um ponto de vista simbólico, esse personagem criado por Rachel de Queiroz representa todos os nordestinos que embarcaram na imperiosa viagem para os seringais do norte do Brasil. Porém, ao chegarem à região amazônica eram submetidos a um regime de trabalho análogo ao escravo, visto as condições de vida a que eram condicionados. Essa situação de exploração dos seringueiros foi tão bem descrita pelo escritor pré-modernista Euclides da Cunha no artigo "Entre os seringais", publicado em 1906 na revista *Kosmos*, fruto de sua passagem pela região amazônica, quando chefe da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, situado no que é hoje o estado do Acre. Nesse artigo Euclides da Cunha deixa à mostra sua perplexidade ante o processo de exploração a que eram submetidos, os mesmos sertanejos que outrora observara em sua passagem pelo nordeste e que, segundo as palavras do próprio autor, estavam cativos em uma "prisão sem muros", metáfora à floresta amazônica. Partindo dessas considerações, este estudo busca relacionar esses dois discursos produzidos em momentos distintos da literatura brasileira em uma perspectiva dialógica e diacrônica do texto literário.